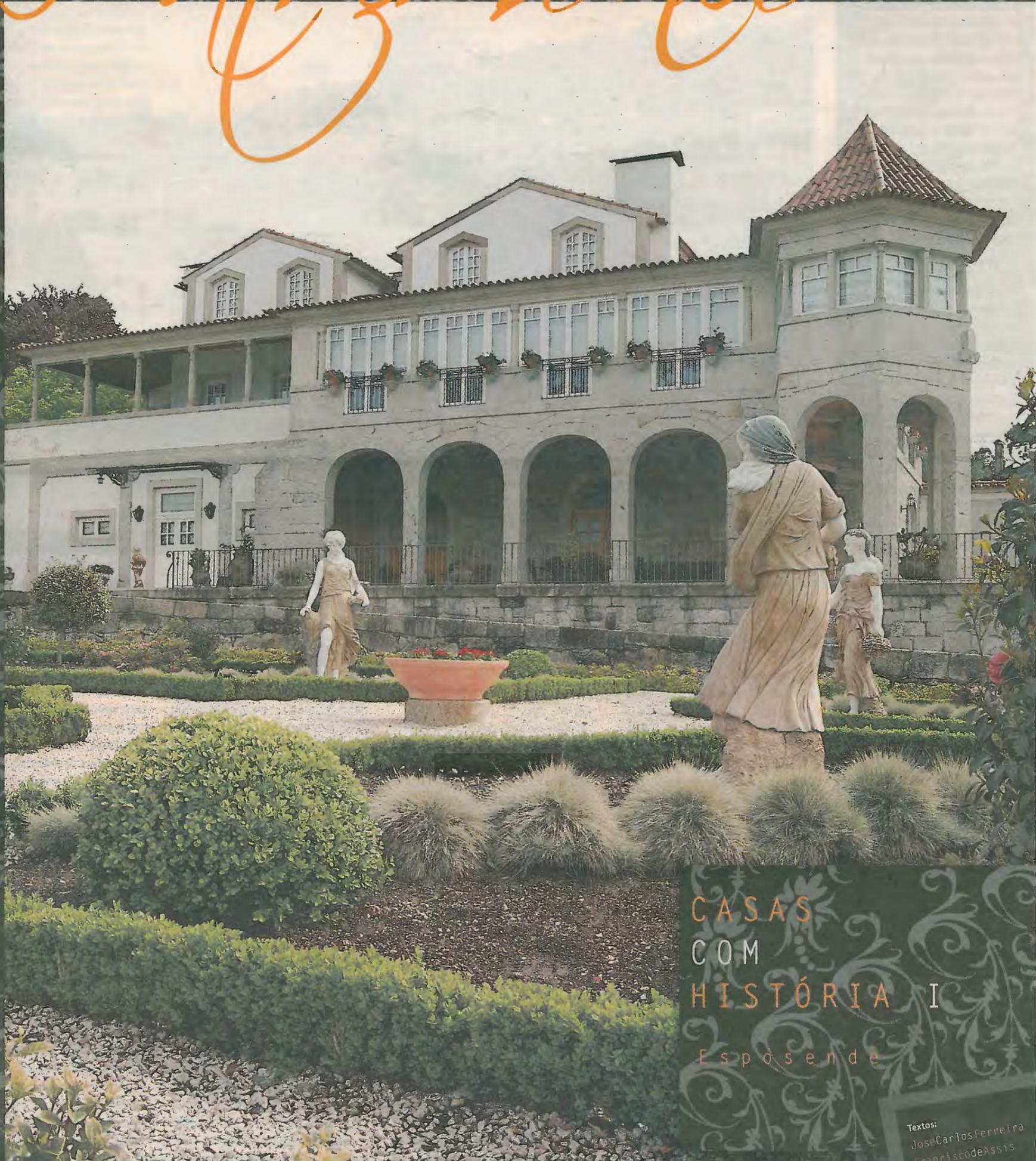


25 DE ABRIL DE 2008  
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28115 de 25 de Abril de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

# Património



CASAS  
COM  
HISTÓRIA I

Esposende

Textos:  
José Carlos Ferreira  
Francisco de Assis  
Fotos:  
Francisco de Assis



## Introdução

Tal como tínhamos anunciado, hoje começamos com o último item do suplemento "Património" em Esposende. São as "Casas com História". Trata-se de um tema em que falamos da arquitectura e da história de um determinado imóvel, mas também daqueles que foram os seus inquilinos.

O tema "Casas com História" é também uma oportunidade para falarmos daqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para o enriquecimento da cultura e da história de Esposende e, em muitos casos, para a história do País em geral.

Nesta edição "Casas com História" vamos falar essencialmente de quintas. Se algumas delas estão em franca decadência, felizmente há outras que estão a ser reabilitadas para os mais variados fins, desde habitação ao turismo, passando também para fins pedagógicos e formativos. Assim, hoje vamos falar da Quinta da Seara, em Curvos; da Quinta de Terroso, em Palmeira de Faro; da Quinta da Barca, em Gemeses; e da Quinta de Curvos, em Forjães.

# Concelho de Esposende possui casas e quintas com história



Esposende, ao longo dos tempos, conseguiu atrair famílias que ali constituíram as suas grandes propriedades

O concelho de Esposende, segundo o historiador Manuel Albino Penteado Neiva, não possui um número significativo de quintas ou casas grandes até porque, esta é uma região onde predomina o minifúndio. Contudo, salienta, «há neste concelho casas e quintas com história».

«Algumas, infelizmente, desapareceram, fruto, muitas vezes, de partilhas entre família», acrescenta, dando como exemplo a Quinta da Torre, em Gemeses, que tinha um portão brasonado e um solar em cantaria «fabulosa», que, « neste momento, está completamente coberto de silvas».

No entanto, salienta, é necessário reconhecer que, Esposende, sendo um concelho do litoral, atraiu ao longo dos séculos muitas famílias que constituíram as suas grandes propriedades e, daí, seja necessário vincar que aqui existem algumas casas interessantes.

Por outro lado, salienta Manuel Albino Penteado Neiva, existe também um núcleo muito interessante de casas em Palmeira de Faro, que é interessante ver e apreciar. «Esta freguesia é conhecida pela Sintra de Esposende porque grande parte das famílias que viviam em Esposende tinham a sua quinta rural, com casa senhoria, na zona interior do conce-

lho. E, Palmeira de Faro foi escolhida ao longo dos séculos por famílias tradicionais de Esposende que tinham aqui as suas casas», afirma, dando como exemplos as famílias Fonseca Lima, Pereira de Lima e os Barros Lima.

«Podemos dizer que quase todas essas propriedades foram transaccionadas. Portanto, poucas delas mantêm os mesmos proprietários ao longo dos séculos», acrescenta. Como toda a regra tem uma excepção, há pelo menos uma quinta no concelho que se mantém ao longo dos séculos na mesma família, que é a Quinta de Belinho, da família Cunha Sottomayor, onde viveu o poeta António Corrêa d'Oliveira. «De resto, todas as quintas têm sido transaccionadas e, portanto, têm passado de proprietários em proprietários, o que tem contribuído para alguma degradação do património», sustenta o historiador.

#### Algumas quintas foram loteadas

Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, no concelho de Esposende existe cerca de meia dúzia de quintas que permanece com a sua unidade, isto é, casa e terrenos. No entanto, afirma «algumas delas foram loteadas». «Estou-me a referir à Quinta da Paia, em Belinho, que era muito interessante e pertenceu ao

Barão de Maracanã. Neste momento está ali a ser feito um loteamento, já em fase final de execução. A designação que lhe deram até deixou de ser a Quinta da Paia», realça.

O historiador conta ainda que a casa desta Quinta está muito degradada, não se sabendo se o novo proprietário a irá demolir ou recuperar.

Hoje, na opinião de Manuel Albino Penteado Neiva, as grandes propriedades do concelho de Esposende têm uma função muito diferente daquela que tiveram no passado. «A sua função acaba por ser alterada dada as circunstâncias económicas. Por um lado, é difícil manter estas propriedades e, por vezes, são vários herdeiros e a única solução é transformá-la em alguma coisa que seja rentável, para, muitas vezes, recuperar a própria estrutura da quinta», refere.

Questionado sobre se as verbas comunitárias têm servido para recuperar e salvar este património, o historiador responde que em Esposende não tem havido uma grande corrida aos fundos da União Europeia, nomeadamente a projectos específicos para esta área.

Segundo explica, houve uma candidatura de cariz concelhia, que foi o PETER, que englobava uma série de projectos âncora, onde estavam algumas das Quintas de Esposende. «Eram projectos que iam, de certa

forma, criar um produto estruturante do concelho ao nível do turismo. O próprio município se encarregaria de fazer obras de carácter público para apoiar esses projectos particulares. Portanto, criava-se aqui uma espécie de produto concelhio em que o turismo era potenciado», lembra.

No entanto, devido a algumas circunstâncias da época, isto acabou por não ir para a frente. O investigador recorda que, por exemplo, um outro projecto âncora acabou por desistir, o que veio dificultar toda a candidatura. Segundo refere, o PETER tinha um montante financeiro que tinha de ser forçosamente cumprido. Ao não atingir-se esse montante de investimento, o que veio a verificar-se com as desistências, toda esta candidatura ao PETER não podia ser concretizada.

«No que diz respeito a outros projectos, há uma ou outra Quinta que tem tentado ao nível do Turismo em Espaço Rural. Mas, de facto, em Esposende não tem havido grande corrida aos fundos comunitários para recuperação das suas propriedades. Não sei se felizmente ou infelizmente. Talvez felizmente porque as pessoas não precisam de recorrer a essas verbas. Ou, infelizmente porque nenhum projecto tem ido avante em relação a essa utilidade turística», sustenta.

# Na Quinta da Seara viveu o último Capitão-Mor das Ordenanças

A Quinta da Seara, situada na freguesia de Palmeira de Faro, não muito longe da igreja paroquial, foi pertença e albergou o último Capitão-Mor das Ordenanças de Esposende, que a recebeu do seu pai, que também exerceu este mesmo cargo militar.

Refira-se que este posto surge fruto da reorganização censitário-militar do reino, iniciada nos finais da Idade Média e que culminou já no tempo de D. Sebastião, com a criação das Companhias de Ordenanças.

Assim, afirma André Leitão, no Centro Virtual Camões, «os capitães-mores tornaram-se a suprema autoridade militar a nível municipal», sendo os responsáveis pelos alistamentos locais, «substituindo assim o velho cargo de alcaide-mor, que durante os séculos subsequentes à Reconquista detivera idênticas prerrogativas nos concelhos portugueses». Segundo o historiador Manuel Albino Penteadó Neiva, a Quinta da Seara pertenceu a José César de Faria Vivas que, tal como seu pai Custódio José de Faria Vivas, foi nomeado Capitão-Mor das Ordenanças, «tendo sido o último a exercer este cargo em terras de Esposende», entre «13 de Março de 1809 e 6 de Maio de 1834».

José César de Faria Vivas «casou em Palmeira de Faro em 14 de Agosto de 1825 com D. Antónia Margarida de Faria Vivas Freire de Andrade, passando a viver, temporariamente na sua Quinta da Seara, em Palmeira de Faro», acrescenta.

O investigador refere no estudo que elaborou e, que tem por título «Quintas e Solares de Esposende», que a sua esposa era também sua sobrinha, uma vez que era filha da sua irmã, D. Ana Margarida de Faria Vivas de Vilas Boas Pereira e do Capitão de Artilharia António Basílio de Faria Freire de Andrade de Azevedo e Araújo.

Manuel Albino Penteadó Neiva afirma ainda saber, pela «leitura de documentos fidedignos», que a Quinta da Seara calhou a José César de Faria Vivas como herança da família, do ramo de sua mãe, D. Maria do Rosário de Vilas Boas Pereira, «que possuía também a Casa da Praça, em frente à Câmara Municipal de Esposende, assim como abastadas terras por todo o concelho de Esposende».

Entretanto, a nomeação de José César de Faria Vivas para o cargo de Capitão-Mor das Ordenanças de Esposende em 1809 ocorreu exactamente quando estava em curso a segunda Invasão Francesa a Portugal, comandada pelo General Soult. Sabendo-se que no concelho de



> A Quinta da Seara mantém grande parte das suas características



> Em meados do século XX houve aqui uma aposta no vinho



> A Quinta da Seara já conheceu vários proprietários

Esposende se registaram movimentações das tropas de Napoleão, tendo havido, inclusive, escaramuças em Palmeira de Faro mesmo junto à Quinta da Seara, Penteadó Neiva realça que, «é lógico que este terá sido um período muito atribulado para o Morgado e Senhor da Seara».

## Primeiro presidente da Câmara de Esposende

Por outro lado, salienta ainda o historiador neste seu estudo, com a Revolução Liberal de 1820, foi constituída a primeira Câmara Constitucional em Esposende, tendo sido nomeado para presidente José César de Faria Vivas. Pouco tempo depois, acrescenta

Manuel Albino Penteadó Neiva, «face às acusações dos seus adversários políticos», o então presidente da Câmara Constitucional «inicia uma guerra partidária que o vai, pouco a pouco, desmotivar na luta pelo progresso de Esposende». Assim, refere também o historiador, José César de Faria Vivas manifestou-se um anti-Miguelista, acabando por aumentar ainda mais a controvérsia. «Desanimado, embora sem deixar a presidência da Câmara, refugia-se no sossego da sua Quinta da Seara», refere.

«Segundo palavras de João do Minho, em 5 de Junho de 1823, José César de Faria Vivas aclama solenemente D. João VI como Rei

Absoluto. Em 6 de Abril de 1829 recebe autorização, através de Despacho Real, assinado pelo Monarca D. Miguel, para «usar uma effigie do rei, pendente ao peito, por uma fita de cor do laço português», conta Penteadó Neiva.

Já durante a Guerra Civil de 1829 a 1834, o senhor da Quinta da Seara foi mandatado para o estabelecimento e comando da linha litoral de Fachos, entre Vila do Conde e Caminha, e comandante interino da 5.ª e 8.ª Brigada de Ordenanças. Findo este período conturbado e depois de um «exílio» em Caldelas, em Amares, José César de Faria Vivas regressou à sua Quinta da Seara em 1834, falecendo a 7 de Setembro de 1855.

Com a morte do pai, a Quinta da Seara passou para o filho José Maria César, que faleceu solteiro em 1900, em Amares. Já no início do século XX, a Quinta da Seara foi vendida à família Barros de Lima, estando na posse, em 1929, do advogado e notário, Artur Barros de Lima.

Em meados do século XX, esta propriedade é adquirida pelo cirurgião Queirós de Faria que «promove o plantio de castas de vinho verde, transformando o vinho «Monte Faro» num dos bons vinhos» da Região dos Vinhos Verdes, afirma Penteadó Neiva. Actualmente, a Quinta da Seara é pertença de António Martins.

# Proprietário da Quinta da Seara tem apostado na recuperação

**A** Quinta da Seara é actualmente propriedade de António Martins, que a adquiriu há cerca de dez anos e, desde aí, tem apostado na recuperação dos edifícios ali existentes, respeitando a sua traça arquitectónica primitiva.

Segundo o filho, que tem o mesmo nome que o pai, actualmente, a Quinta da Seara é uma propriedade privada que, «pela sua capacidade e dimensão, tem sido um porto de abrigo para amigos da família e usufruto pessoal».

Por outro lado, acrescenta, «neste momento, está a decorrer um projecto para se poder abrir as portas da quinta ao exterior», ou seja «está a ser apresentado um projecto de agro-turismo para esta quinta».

António Martins, questionado sobre o estado dos edifícios quando o pai comprou a propriedade, responde sem hesitar: «a quinta foi adquirida há cerca de dez anos e até hoje tem estado em obras, e isso é o reflexo de alguma coisa». «Havia um aproveitamento só da vinha. Os edifícios anexos que existiam estavam abandonados. Desde a vacaria até aos próprios jardins e à mata, estava tudo impraticável», recorda.

Assim, desde há dez anos que têm sido ali realizados vários investimentos para a valorização deste património. «Fizemos terraplanagens, renovação de três hectares de vinha, a recuperação de anexos antigos que permitiram, por exemplo, transformar as antigas vacarias em quartos. Recuperámos também a adega, entre outras coisas», afirma.

Uma das grandes preocupações nestas obras, realça António Martins, tem sido manter a imagem rústica da quinta, ou seja, os trabalhos têm sido realizados respeitando os traços arquitectónicos primitivos. Se assim não fosse, salienta, a Quinta da Seara perderia a sua mais-valia. Quanto ao futuro, pretende-se que esta grande propriedade esteja ligada ao agro-turismo, com a realização de pequenas formações que proporcionem às pessoas um novo contacto com a terra, que muitas já perderam. Ou seja, mostrar, sobretudo às crianças dos grandes centros urbanos que a fruta, por exemplo, não nasce nos cestos dos supermercados. «Nós queremos abrir as portas ao exterior e proporcionar às famílias dos grandes centros urbanos esse contacto com a terra», realça.

## Aposta no sector vitivinícola

Outra grande aposta dos actuais proprietários da Quinta da Seara é



> O actual proprietário tem apostado na recuperação da quinta



> Sala de provas de vinho na Quinta da Seara



> Capela recentemente construída na Quinta da Seara

no sector vitivinícola, aproveitando uma tradição que já vinha do antigo dono, que colocou no mercado o vinho "Monte Faro".

«Nós, neste momento, estamos com uma área projectável de vinha de cinco hectares», o que equivale a cinco campos de futebol, «e estamos a reformular a estratégia para o vinho, apostando numa marca que já existiu, o "Monte Faro", que sempre foi forte no mercado e obteve alguns prémios nacionais e até internacionais», salienta António Martins.

Na sua opinião, esta é uma boa aposta, não só para o concelho de Esposende, como também para toda a Região dos Vinhos Verdes. Para garantir a qualidade, António Martins teve a preocupação de ter junto a si profissionais qualificados. «No ano passado estabelecemos uma parceria com o engenheiro Costa Leme, que é um profissional já com o seu nome bem vincado no mercado, e esperamos que ele nos possa ajudar na evolução do nosso vinho», afirma. A este propósito, o historiador

Manuel Albino Penteadó Neiva sublinha a importância dos vinhos verdes produzidos em quintas, que têm uma qualidade diferente daqueles cuja origem provém das cooperativas. «O que nos interessa são os vinhos de quinta porque eles são feitos com outro cuidado e têm um cunho pessoal. Os donos das quintas investem nos seus vinhos até porque são eles que, de certa forma, estão em competição. Não é propriamente uma adega, mas a imagem de uma quinta que está

em causa», sustenta. Na sua opinião, nestes vinhos de quinta «são controlados os sulfatos e os aromas, ou seja, o vinho é tratado com afecto e com paixão». Segundo explica, até a própria quantidade produzida é sempre limitada. «Por vezes até se tem o cuidado de se produzir uma edição muito limitada de um determinado ano, que pode ser um "vintage". E, há restaurantes que primam por ter determinados vinhos de quinta», acrescenta Manuel Albino Penteadó Neiva.

NELA VIVERAM-SE EPISÓDIOS DE CRUELDADE E HUMANIDADE

# Quinta da Barca foi quartel das tropas invasoras de Napoleão

**Q**uinta da Barca do Lago, ou Solar dos Machados, na freguesia de Gemeses, será, em termos históricos, provavelmente a mais rica do concelho de Esposende. De facto, são muitos os episódios históricos passados nesse espaço, com um ambiente bucólico fantástico e inspirador de muitos poetas. Mas a Quinta da Barca não é lembrada apenas por histórias de horrores, que mostram a pior face do Homem. Felizmente, a outra face, a humanidade, o amor ao próximo, também marca esta casa com história, ao acolher peregrinos de Santiago de Compostela, na Galiza. No entanto, é, de facto, pelas piores razões que a Quinta é mais conhecida. No início do século XIX, numa das invasões francesas a Portugal, a mando de Napoleão Bonaparte, as tropas comandadas pelo General Soult ocuparam a casa, vandalizaram e profanaram a Capela da Barca do Lago, transformando-a num «açougue» [talho].

Segundo Manuel Albino Penteadado Neiva, aquando das invasões, em princípios do século XIX, nesta Quinta, que é também designada por Casa dos Valérios, «foi montado um quartel general de apoio às tropas do General Soult». A Barca do Lago era, efectivamente, um lugar estratégico para quem pretendia controlar o litoral. É bom recordar que, na época, a Ponte de Fão ainda não estava construída e a travessia era feita por barcas.

Para corroborar a veracidade dos acontecimentos, Penteadado Neiva cita documentos antigos, nomeadamente um registo de óbito datado de 12 de Abril de 1809 que dizia o seguinte: «...mataram os soldados franceses no lugar da Barca do Lago, um pobre mendigo chamado João Braz, que era do Reino da Galiza...». Mas não mataram só mendigos. Não tinham qualquer respeito nem pelos locais sagrados, como já vimos pelo vandalismo na capela, nem pelos padres. Assim, dois dias depois do mendigo, a mesma sorte teve o padre António Pereira do Lago, natural e residente em Gemeses. «Encontrando-se frente aos franceses, não hesitaram em disparar, matando-o».

No entanto, como dissemos anteriormente, felizmente, a história do Solar dos Machados não é feita apenas de maldade. «Localiza-se no paradisíaco lugar da barca do Lago, importante passagem do Rio Cávado integrada nos caminhos de Santiago». Recorde-se que, por cau-



> Quinta da Barca do Lago, tem uma história riquíssima

sa deste movimento de peregrinos, Pedro de Couros Carneiro, em colaboração com outros benfeitores da freguesia, mandou fazer uma barca "a Barca por Deus" ou "do Amor de Deus", para permitir a passagem de ricos e pobres. Entre outras obras, o livro "Gemeses, Terra de Passagem", de Penteadado Neiva, conta estas e outras histórias.

## Solar antigo

Outro episódio que ficou registado na história do Solar dos Machados e de Esposende foi a passagem do rei da Sardenha, Carlos Alberto Savoia-Carignano, que em trânsito de Itália para o exílio no Porto, foi ali acolhido no dia 18 de Abril de 1849. Já agora, fica a nota de que, três meses depois de ter chegado ao Porto,

faleceu, a 28 de Julho de 1849. Mas a história da Quinta ou Solar dos Machados está longe de se restringir ao século XIX. Manuel Albino Penteadado Neiva, citando os "Cadernos de Apontamentos para a História de Esposende", de José da Silva Vieira, escreveu na publicação "Gemeses, Terra de Passagem", que o brasão da casa mostra que «o solar pertenceu aos descendentes dos Machados, Mirandas, Pereyras e Vilas Boas». «Famílias das mais altas linhagens que ocuparam cargos de governança quer no concelho quer na região».

A carta de brasão de armas foi passada a 12 de Novembro de 1743, das mãos do rei D. João V. Dois meses antes tinha sido registada no Livro de Privilégios da Câmara Muni-

cipal de Esposende. Em relação aos aspectos arquitectónicos, vale a pena citar um pequeno texto no livro de Penteadado Neiva. «Sobre a margem direita do Cávado, há um pequeno acastelado de casas, sobranceiro ao rio, numa eminência que mais faz destacar a brancura dos telhais e a perspectiva do lugarejo. Chama-se a Barca do Lago».

Por este cantinho abençoado por Deus e privilegiado da natureza serviu de inspiração de grandes nomes da cultura portuguesa. Eugénio de Andrade é o maior, mas o Poeta Fernão do Lago, Maria Irene Ribeiro, José Maria de Oliveira e Ernesto Veiga de Oliveira são outros que saborearam esse espaço.



> Solar dos Machados acolheu poetas, algezes e caridosos



> O rei da Sardenha, Carlos Alberto, descansou na Quinta, em Abril de 1849

SOLAR UMBILICALMENTE LIGADO A SACERDOTES

# Quinta de Terroso esteve três séculos na mesma família

A Quinta de Terroso, situada em Palmeira de Faro, "a Sintra de Esposende", como alguns autores chamam a freguesia, é hoje um imóvel bem conservado e bastante valorizado pelas últimas intervenções realizadas pelo actual proprietário, Alberto Figueiredo, ex-presidente Câmara Municipal de Esposende. Foi ele, aliás, que, ao comprar o imóvel, quebrou uma tradição com mais de três séculos. Ou seja, a propriedade, não com a dimensão actual, esteve nas mãos da família Linhares e, mais tarde, Portela, desde 1616-1618, até 1994.

Manuel Albino Penteadado Neiva explica que a Quinta de Terroso ou de Cimo de Vila terá sido fundada pelo padre Francisco Gonçalves. Este sacerdote, nascido por volta de 1590, de acordo com Silvestre Matos Costa, autor da publicação "Famílias da Casa da Capela: Vila Cova, Barcelos", e, entre 1616 e 1618, adquiriu um conjunto de propriedades no lugar de Terroso, formando a Quinta, conhecida também por Casa de Mareces.

Ora, a designação "Quinta ou Casa de Mareces", provém, de acordo com Penteadado Neiva, que "bebeu" em Silvestre Matos Costa, do facto da família que a edificou ou reedificou ser oriunda do lugar de Mareces, na freguesia de Vila Cova, no concelho de Barcelos. Aliás, a quinta terá um «interessante» arquivo particular, com dados sobre a genealogia dos familiares que fundaram, fizeram crescer e viveram no solar. Uma das curiosidades desta quinta é o facto de, desde a sua origem até praticamente o fim da sua permanência na família Linhares e Portela, ter estado ligado a sacerdotes, como se pode constatar pela leitura dos seus inquilinos.

O autor da publicação "Famílias da Casa da Capela: Vila Cova, Barcelos" refere que o padre Francisco Gonçalves, o "fundador" da quinta, teve um filho com uma senhora de Fão, a quem chamaram João Linhares. «Embora filho bastardo, o Pe Francisco solicitou a sua filiação que, por mercê do Rei D. Filipe III (Filipe IV de Espanha), datada de 14 de Novembro de 1634, lhe foi concedida». Por volta de 1670, a neta do padre, Esperança Linhares, casou com Manuel Ferreira, natural de Esposende. Da união nasceram oito filhos. Entretanto, no segundo quartel do século XVIII, mais concretamente em 1735, o património da família aumentou consideravelmente, «através de uma série de apraza-



Quinta de Terroso, nasceu no século XVII, mas a capela é do século XVIII



A propriedade foi crescendo ao longo dos séculos



A Quinta de Terroso é conhecida como Quinta de Cimo de Vila e ainda Casa de Mareces

mentos que Manuel Ferreira fez em Palmeira de Faro, nomeadamente o Casal de Terroso», refere Manuel Albino Penteadado Neiva.

## "Mosteiro de Banhos" frente à casa

De acordo com o mesmo autor, um dos filhos de Esperança Linhares e Manuel Ferreira foi bacharel em Cânones, pela Universidade de Coimbra, fixou residência na Casa de Mareces, mas foi dando impulso às terras em Terroso, onde adquiriu mais alguns edifícios em ruína. Segundo Penteadado Neiva, este

bacharel, que passou a viver em Esposende, ocupou «vários cargos da governança, nomeadamente o de escrivães da Câmara e o de juizes dos órfãos».

Como já dissemos, esta quinta esteve quase sempre ligada a padres. Se são vejamos: além do seu fundador, em 1729, Caetano José, familiar do referido bacharel, ordenou-se padre e paroucou Palmeira de Faro durante 43 anos, tendo falecido em Julho de 1797. Dando um salto no tempo e nos descendentes, José Joaquim dos Santos Portela, filho de António José, conhecido por "Capi-

tão de Mareces", e sua mulher Ana Rosa Lima, restauraram a Quinta de Terroso, em 1838.

Um dos herdeiros de Joaquim Santos Portela foi o padre Bernardino dos Santos Portela que, uma vez ordenado sacerdote, foi nomeado pároco de Apúlia, mas viveu o resto da vida na Quinta. Foi ele quem decidiu construir a capela da casa, dedicada a Nossa Senhora de Lurdes. Este sacerdote merece ser destacado pelo seu amor às questões patrimoniais. Provavelmente teve intenção de fazer muito mais, no-

meadamente pelo restauro e conservação do Mosteiro ou Convento de Banhos, em Vila Cova, Barcelos. Um interesse que não será alheio à origem dos seus ascendentes. Não podendo fazer mais, recolheu uma série de pedras desse extinto mosteiro e montou uma espécie de memorial à frente da casa. A Quinta de Terroso foi adquirida em 1994, por Alberto Figueiredo, ex-presidente da Câmara e da Assembleia Municipal de Esposende, e deputado à Assembleia da República. Está bem conservada e valorizada.

# Origem da Quinta de Curvos pode remontar ao século XVI

A origem da Quinta de Curvos, no lugar do Cerqueiral, freguesia de Forjães, segundo os historiadores, remonta, pelo menos, ao século XVI, embora com o outro nome. Segundo o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, em 1600 eram proprietários desta quinta, na altura conhecida por Quinta de Santa Marinha, Manuel Belo e a sua esposa Ana Ribeiro que, em 1559, instituíram a capela de S. Roque que fica situada mesmo ao lado da propriedade.

O historiador Carlos A. Brochado de Almeida é da mesma opinião e, segundo explica no seu livro "Santa Marinha de Forjães - Memórias de uma Paróquia do Minho", em data que não é possível precisar, a quinta passou para a família Ponce de Leão, Francisco Ferros Ponce de Leão, fervoroso miguelista, faleceu a 14 de Setembro de 1828. Ao longo da sua vida teve dois filhos que não deixaram descendência. «Foram os seus herdeiros que acabaram por vender a quinta, em 1882, ao Comendador Domingos Gonçalves de Sá, natural da freguesia de Aldreu, mas a residir na cidade do Porto», afirma Brochado de Almeida.

Já nas primeiras décadas do século XX, era proprietário da Quinta de Curvos António Rodrigues de Faria, que imprimiu nesta propriedade uma profunda metamorfose para sua beneficiação.

Após a morte deste "torna viagem", que fez fortuna no Brasil, «as suas propriedades foram repartidas o mais equitativamente possível entre os muitos herdeiros, entrando algumas, Quinta de Curvos e Quinta de Infia, em desagregação e abandono porque os herdeiros não possuíam a quantia suficiente e necessária para investir em tão dispendiosas propriedades», afirma o historiador. Assim, não houve outra saída que a sua venda. Com os novos proprietários, a Quinta de Curvos começou a perder o seu esplendor, tendo o palacete sido completamente "desfigurado". Segundo Brochado de Almeida, «nem nos dias de maior pesadelo, se chegou a equacionar a possibilidade de destruir os jardins e as grutas». «A vítima foi o palacete, obra de inegável valor para todos aqueles que se revêem no romantismo do final do século XIX, início do século XX», acrescenta.

## Só restam jardins grutas e o lago

O historiador salienta que, «na actualidade, desaparecida a casa que tornou emblemática a quinta, restam os frondosos jardins, as grutas de cimento e o lago, quais testemunhas da atmosfera romântica que envolveu,



Actual edifício da Quinta de Curvos



Mirante e grutas no jardim romântico



Painel de azulejos na Quinta de Curvos

no início do século, aquele que hoje, se ainda estivesse de pé, se tornaria provavelmente o edifício mais carismático de Forjães.

Segundo Brochado de Almeida, «trata-se de uma construção de planta rectangular e dois pisos, vincada por uma frontaria alteada de um corpo central com mais um andar e duas torres laterais circulares». O investigador recorda ainda que no primeiro piso encontravam-se os alojamentos dos criados e outros serviços. «A singeleza da sua construção

contrastava fortemente com o luxo conferido pelos revestimentos decorativos patentes no resto do edifício. Efectivamente, a casa reflectia os maneirismos típicos das construções de "brasileiros" enriquecidos pelo trato comercial ou pelos proventos das plantações que, uma vez chegados à sua terra de origem, exteriorizavam na sua casa os sinais de uma riqueza adquirida recentemente», sustenta.

Para Brochado de Almeida, com António Rodrigues de Faria «nasceu

uma propriedade que era um misto agrícola e uma outra, bem mais empolgante, repleta de árvores e plantas exóticas, entremeadas de jardins, grutas e lagos artificiais». A parte agrícola, salienta, estava no lado Norte da Quinta de Curvos. Era aqui que se encontrava uma eira empedrada de grandes dimensões que até permitiu que ali se realizasse no início da segunda metade do século XX um jogo de hóquei em patins. «Junto a ela estavam os grandes cobertos, armazéns e mes-

mo os estábulos dos animais. Disto já nada hoje existe pois a adaptação desta parte da quinta a vinha levou ao desmantelamento de tais estruturas, tornadas inoperantes com o abandono da parte agrícola», afirma Brochado de Almeida.

O que se salvou desses tempos, salienta, foi a «vasta área ajardinada, marcada pela existência de um grande lago que envolvia uma luxuriante ilha, acessível por pontes revestidas a cimento que recordam as rugosidades próprias da casca de sobreiro».



> Mesmo em frente à entrada principal de Quinta de Terroso, na freguesia Palmeira de Faro, encontra-se um pórtico elaborado com elementos românicos provenientes do antigo Mosteiro de Banho, de Vila Cova. Estes elementos foram reunidos pelo padre Bernardino dos Santos Portela



> A Quinta de Curvos, na Forjães, sofreu profundas alterações já no século XX. Contudo, os proprietários não mexeram, felizmente, nas grutas, jardins e no lago, que dão um ambiente romântico a esta propriedade



> O Rei D. João V deu, a 12 de Novembro de 1743, a Carta de Brasão de Armas a Manuel Machado de Miranda Pereira Vilas Boas, que foi o proprietário da Quinta da Barca



> A Quinta da Seara, em Palmeira de Faro, pertenceu ao médico cirurgião Queirós Faria, que ali promoveu o plantio de castas de vinho verde. Com a produção, lançou no mercado o famoso "Monte Faro".



> A Quinta da Barca, em Gemeses, foi transformada em quartel-general de apoio às tropas do General Soult, aquando das segundas Invasões Francesas, em 1809. A partir daqui, os soldados de Napoleão fizeram incursões nos povoados vizinhos.



> Quinta de [redacted], em Palmeira de Faro, foi substancialmente ampliada em 1735, quando Manuel Ferreira procedeu a uma série de emprazamentos. Mais tarde, um dos filhos comprou e recuperou alguns edifícios